

BORDADURA COMO LINGUAGEM DE EXPERIÊNCIAS, AFETO, VÍNCULO E LIBERDADE

Mariana Guimarães / Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

O projeto de ensino, pesquisa e extensão intitulado *Arte do Fio*, desenvolvido no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp/UFRJ), tem como objetivo a investigação conceitual e plástica da bordadura contemporânea e seus inúmeros desdobramentos políticos, estéticos e éticos na educação e nas artes visuais. Neste artigo, pretendemos narrar algumas experiências desenvolvidas com estudantes do Ensino Médio e licenciandos de Artes Visuais. Partimos de uma narração polifônica, na qual o texto é costurado por depoimentos e reflexões dos estudantes sobre suas vivências e experiências a partir da investigação da linguagem da bordadura na relação com suas poéticas de trabalho e processos.

PALAVRAS-CHAVE

bordadura contemporânea; experiência; afeto.

ABSTRACT

The teaching, research and extension project entitled wire art, developed at the Application School of Rio de Janeiro Federal University, has, as objective, both conceptual and plastic investigation of contemporary embroidery and its innumerable political, aesthetic and ethical developments in education and visual arts. In this article, we intend to recount some experiences developed with high-school students and visual-art undergraduates. We begin from a polyphonic narration, in that text is sewed by testimonies and reflections of students about their life and general experiences starting from language investigation in its relation with work poetry and processes.

KEYWORDS

contemporary embroidery; experience; affection.

“Redes são vínculos, coisas entrelaçadas, vários pontos conectados e que vão se conectando, conectando e se conectando.” (P, 17 anos)

Na busca por tecer um texto e apresentar uma experiência pedagógica desenvolvida em uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro, posto-me na bifurcação entre os possíveis caminhos da experiência: do viver a experiência e narrar a experiência. Uma experiência apresentada em vão é apenas uma experiência sem sentido. Não pretendo aqui tecer um artigo que não possa ser convertido ao leitor como experiência, portanto recorro às muitas vozes dos estudantes que participam do projeto *Arte do Fio* para juntos elaborarmos, em forma de relato, nossas experiências e despropósitos. Um artigo tecido, em sua complexidade e desdobramentos, tecido-texto, texto-tecido, tecido-pano, tecido por muitas vozes, em uma polifonia costurada pelos caminhos teóricos e filosóficos apontados por Jorge Larrossa, Walter Benjamin, Simone de Beauvoir e Spinoza.

Como em um tear, disponibilizo a urdidura, a estrutura inicial. A trama será tecida por outros, muitos outros, muitas vozes e nos encontramos nos nós; afinal, uma rede é composta por nós e por nós, por encontros, pelos vínculos, pela partilha, presença e sobretudo pela conexão estabelecida na trama.

Em *A experiência e suas linguagens*, Larrossa (2014) convida-nos a refletir sobre a experiência, desvelando suas armadilhas e orientando-nos a dignificar e reivindicar a experiência. No decorrer do texto, o autor vai nos mostrando que a experiência é algo que não pode e não deve ser conceitualizada, tampouco pedagogizada, que é preciso viver a experiência, assim como se vive a própria vida. Mas como em uma cilada, alerta-nos para o fato de que não há experiência, pois não vivemos a nossa vida como nossa e sim como algo que nos é vendido, de modo que falar de experiência é “falar da mais pura banalidade, de algo que é falso, ou então de algo que só existe como nostalgia, ou como desejo, porém, em qualquer caso, como impossibilidade”. Partindo da impossibilidade da experiência, da falta de sentido e ausência de palavras, de escuta que vivenciamos na educação e na vida na contemporaneidade, Larrossa, no fim do artigo, propõe-nos um jogo que, soberanamente, cabe a nós leitores, educadores e artistas “aceitar, modificar ou propor algo novo, ou nenhum”.

Um jogo que me chega como um desafio, que contém, na estrutura de sua ortografia, a palavra *fió*. Assim começo a desenrolar esse desafio, puxando o fio de memória de um elemento ensimesmado, composto de si, composto de muitos outros fios, que compõem uma trama, feita apenas de fios.

Início a tessitura da urdidura. Junto fios de história e brevemente começo narrando a prática da tecelagem. Pode-se dizer que a tecelagem é uma das tecnologias mais antigas desenvolvida pelos homens. Há estudos de arqueologia que nos mostram que, há 37 mil atrás, homens e mulheres já teciam e costuravam. Pesquisas recentes no campo da paleontologia nos mostram que há vestígios de uso de redes pelo homem para caçar animais que datam de 26 mil anos atrás, no período Paleolítico Superior. São estudos que estão, inclusive, revelando o verdadeiro papel da mulher na Pré-história, que muito provavelmente era a responsável pela tessitura de redes, que eram utilizadas para caçar, fazer armadilhas, amarrar coisas, segurar, etc. A revolução do barbante, nome dado pela arqueóloga Elizabeth Wayland Barber, “abriu a porta para uma enorme gama de novas formas de trabalho e ampliou as chances de sobrevivência...” (SOFFER, 2009, p. 184–185).

A história da tecelagem acompanha a história da sociedade, sobretudo a história da mulher, a quem foi dada a missão e o trabalho de tecer, de tramar. Desde a história das Moiras, na mitologia Grega, até os dias atuais, somos entremeados por inúmeras histórias, contos e mitos sobre a mulher tecelã; atributo de mulher prendada é mulher que tece. O tecer disciplina as mãos de mulheres libidinosas, faz concentrar; é feito rezar o terço. A agulha foi utilizada como remédio pelos patriarcas das Igrejas, “que consideravam a mulher tendente à licenciosidade sexual se nada tivesse para ocupar as mãos [...], as rainhas não se envergonham de tecer e costurar” (SENNETT, 2009, p. 72).

O bordado, em algumas culturas, é um meio de a mulher se expressar e de ajudar sua família, mas, ao mesmo tempo, é uma obrigação que mantém a mulher presa dentro de casa, sem poder ser independente, trabalhar e estudar, e é considerado uma atividade inferior, que não é valorizada. Então, por mais que o bordado possa ser uma forma de expressão e exposição de opiniões, muitas vezes ele acaba aprisionando a mulher a um estereótipo de gênero e desigualdade. (M., 17 anos)

O uso dessas técnicas e sua propagação como um trabalho essencialmente feminino e doméstico sofreram inúmeras adaptações, permitindo a permanência e utilização do ofício, acompanhando o contexto social em que as mulheres estavam inseridas em cada momento histórico. No Brasil, essas técnicas estão presentes em todas as classes sociais; porém, é na classe mais pobre que esse ofício se disseminou com mais rapidez e abrangência, surgindo como uma alternativa econômica, permitindo que a jovem moça pudesse ingressar no mercado de trabalho como costureira, cerzideira ou bordadeira. No início do século XX, no país, instituições filantrópicas e de formação propagavam a importância desses ofícios para as jovens, iniciando, assim, o processo de formação de mão de obra para as indústrias têxteis em São Paulo, em forte expansão, em uma forma de ofício socialmente aceita para as mulheres, ainda que muitas das vezes ficasse distante de suas escolhas, perspectivas e preferências. Sobre essa *inculcação* da mídia e das escolas de formação, a revista Cinelândia, de 1950, anunciava: “a melhor amiga da mulher é a agulha. Mesmo que você não tenha muito jeito, poderá, com boa vontade e um pouco de treino, pelo menos fazer algumas peças para sua família (...)”, e, em uma aula do programa radiofônico de corte e costura da Rádio Globo, de 1951, o locutor veiculava: “a costura, entretanto, além de ser uma necessidade, é o melhor patrimônio para a mulher, facilitando a exercê-la em qualquer parte do mundo e no próprio lar” (MALERONKA, 2007, p. 81–82).

Tecendo e tecendo, a própria mulher entristeceu, quase enlouqueceu. Compreendemos que o ato de tecer, com seu caráter disciplinador, pode libertar, mas aprisiona também, como continua aprisionando mulheres e homens, atrás de máquinas de costuras em fábricas ilegais por todo o mundo, que sustentam uma indústria milionária da moda e dos objetos do desejo.

O bordado e a costura têm essa dimensão ambígua: resistência e aprisionamento. São objetos imperceptíveis que carregam valores da cultura material que dão sentido à cultura imaterial. A agulha, por exemplo, foi, por muito tempo, uma espécie de fala para mulher, um objeto que interrompe silêncios, que espeta o dedo e desperta alma.

O bordado aprisiona nossas mãos à agulha, ao tecido e à linha. Nós, quando bordamos, realizamos um movimento repetitivo que nos aprisiona a uma atividade. Por outro lado, o bordado nos liberta, porque, quando bordamos, entramos em um mundo inteiramente nosso e, dessa forma, nos libertamos daquilo que é exterior a nós, deixando de lado várias questões coletivas que nos afligem de alguma forma. O interessante é que esse mundo pode ser desconstruído. (R., 16 anos)

O bordado é linguagem, é expressão, é comunicação. Bordar é desenhar com a linha, marcar o suporte, e desenhar não é apenas representação gráfica; é organização de pensamentos, de ideias, é origem da escrita.

Em uma leitura poética, apropriando-me de diversas experiências e vivências com a linguagem, compreendo o bordado como nome, o bordar como um ato e a bordadura como uma condição, um *modus* de estar no mundo; vincula, aproxima, cria redes e conexões. É engajado na sua própria vontade, na micropolítica das mudanças do cotidiano, na soberania; é senhor de si. É presença, permite-se a liberdade, mesmo quando segue o risco. Possui avesso e direito, como a própria experiência, como a própria vida. É travessia.

Percorrendo a história do ensino da arte no Brasil, deparamo-nos com as aulas de trabalhos manuais, no início do século passado, ministradas em separado para moças e rapazes, com o intuito de formar valores considerados femininos e masculinos nos estudantes. No artigo *Diálogos com os tempos de outrora: a disciplina de Artes Visuais e os trabalhos manuais*¹, analisei a origem da disciplina de Artes Visuais no CAP/UFRJ, desde sua criação, nos anos de 1948, visando a diálogos entre os tempos de outrora e metodologias atuais. Nessas aulas, as moças aprendiam a costurar, bordar, fazer crochê, tricô, tapeçaria, enxovais e monogramas. O principal objetivo da disciplina era “a educação integral, preparando e adaptando as jovens para as exigências da vida moderna... onde a adolescente adquire noções básicas e práticas para sua atuação como mulher, no seio da família e sociedade”, conforme apresentou a professora Durvelina Santos, no relatório da disciplina enviado ao diretor do CAP/UFRJ, Narciso Alves de Matos, em 1951.

Após esse período histórico, os trabalhos manuais com linhas e agulhas não mais fizeram parte do currículo da Educação Básica em Artes Visuais. Novos caminhos

foram traçados, e novas metodologias construídas para a formação do educando, em acordo com novas perspectivas e abordagens no ensino formal das Artes Visuais.

Na contemporaneidade, artistas visuais iniciaram um processo de apropriação, em seus trabalhos e processos desses elementos, da costura e do bordado. Artistas como Leonilson e Artur Bispo do Rosário foram os precursores da utilização dessa linguagem nas artes visuais; entretanto, atualmente, temos inúmeros artistas nacionais e internacionais investigando essa tessitura. Trabalhos e processos que possibilitam a interlocução e troca na investigação de arte-educação contemporânea comprometida com a construção e entendimento de uma linguagem em seus diversos contextos sociais, e o entendimento, compreensão e diálogo com o mundo em que fazem e farão parte, hoje e amanhã, nossos jovens alunos.

No setor curricular de Artes Visuais do CAP/UFRJ, trabalhamos, hoje, com 10 professores e oferecemos a disciplina para os estudantes do 1ª ano do Ensino Fundamental ao 2º ano do Ensino Médio. A escola conta ainda com outras linguagens artísticas, como música e artes cênicas, na formação estética e artística de nossos educandos.

Além da formação de professores, nosso trabalho é fundamentado em um tripé de pesquisa, ensino e extensão, em uma lógica muito importante e fundamental para o desenvolvimento do professor artista e pesquisador. Aos estudantes do Ensino Médio é oferecida a possibilidade de escolha de uma das linguagens artísticas citadas acima, na qual ele participará de um projeto, ao longo de 2 anos. Apesar de todas as mazelas e precariedades que vivenciamos diariamente na educação pública do país, nossa luta e esforços são diários para oferecer uma formação em artes que possibilite o pleno desenvolvimento político, estético, artístico e ético para nossos educandos se tornarem sujeitos emancipados e empoderados.

O projeto *Arte do Fio* é oferecido como linguagem aos estudantes do 1º ano do Ensino Médio, no qual o educando ficará até o término do 2º ano. O projeto, que tem como objetivo a investigação e exploração de novos materiais e usos das técnicas ligadas às artes do fio na produção artística, na construção de poéticas artísticas,

assim como o estudo e a consolidação da linguagem da bordadura nas artes visuais e educação, busca também a pesquisa de histórias, contos e mitos relacionados à temática e a promoção do diálogo entre a educação, a arte popular e a arte contemporânea, além da construção de uma linguagem artística, uma metodologia de pesquisa e investigação do fio e do ato de conduzir o fio na trama, no espaço, em diversas possibilidades de suporte, bem como a exploração das dimensões poéticas e filosóficas do tecer, da memória e da arte.

O projeto integra os projetos que desenvolvo, ao longo da última década, em pesquisas acadêmicas, artísticas e educacionais em espaços de educação formal e não formal; em pesquisas conceituais e plásticas sobre a bordadura e seus desdobramentos artísticos, estéticos, educativos, reflexivos, sociais, contemporâneos e tradicionais. Cabe ressaltar que, no ano de 2014, esse projeto foi premiado no XV Prêmio Arte na Escola, promovido pelo Instituto Arte na Escola (<http://artenaescola.org.br>).

Bordar é algo que me afeta de forma positiva, fazendo com que eu realize um movimento manual e repetitivo que me ajuda a me concentrar, ter foco e disciplina. O ato de bordar trabalha minha mente e meu pensamento, apresentando-me grandes possibilidades reflexivas sobre a vida, principalmente reflexões de caráter afetivo. O ato de bordar me ajuda na assimilação de informações, além de tudo isso. Isso é interessante, filosófico, profundo e mágico. (R., 17 anos)

Em nossas aulas, buscamos a experiência da tessitura, e o conteúdo é desenvolvido com os alunos a partir de suas vivências. As poéticas são construídas coletivamente a partir de suas demandas, costuradas pela linguagem da bordadura, de modo que cada aluno é protagonista de sua experiência com o tecer. A bordadura torna-se uma linguagem de experiências, de afeto, de vínculo e de liberdade. Tiramos da linguagem toda pretensão de autoridade e formalismos; partimos da ideia de que não ensinamos os alunos a bordar. Os pontos são construídos intuitivamente por eles, em uma representação gráfica. Não há conceitos fechados; as aulas são norteadas por inúmeros debates e reflexões sobre o potencial político, afetivo e transformador da produção artística que realizam em que investigamos conceitos de afeto, partilha identidade, adolescência e sexualidade. São debates costurados por

leituras de contos, histórias, cartas, apresentação de artistas contemporâneos e tradicionais.

Meu trabalho é sobre mulheres negras na arte brasileira. O número de artistas negras expostas em museus e galerias é muito pequeno, tanto pelo contexto opressor, racista e patriarcal em que se encontram, quanto pelo difícil acesso a esses locais por pessoas que não possuem conexões com o mundo da arte. É difícil para essas mulheres conseguirem visibilidade. (M, 17 anos)

Desenvolver esse trabalho está sendo muito interessante, pois estou aprendendo muito sobre minha própria história. Meu trabalho é sobre a árvore genealógica da minha família e me mostra como foi minha família, como é minha família. Vai libertando meus pensamentos, ideias, criando afeto com o pano, com a linha e com a agulha. (M. C., 17 anos)

Nessa tessitura permeada por muito texto e muito tecer, percebemos que as linguagens da bordadura e da narrativa apresentam infinitas semelhanças no gestual de uma memória tradicional atualizada pela prática da repetição. Além de serem palavras de mesmo radical com qualidade revelada pela etimologia em que todo texto é tecido e todo tecido é texto.

Não há limite entre as linguagens. É preciso costurar as percepções e histórias dos estudantes e provocar significados a partir de suas próprias experiências no mundo, promovendo o encontro do educando consigo mesmo, transformando-o em um sujeito ensimesmado, feito a linha; torná-lo linha, alinhar o estudante com sua própria paixão, torná-lo parte do que ele realmente é ou poderá ser.

Desenvolver um trabalho a partir da minha ética pessoal faz com que ele seja mais singular e intimista. O que faço me traz lembranças afetivas de certos lugares por onde me locomovo usando transporte público da minha casa ao colégio e vice-versa. (R., 16 anos)

O meu trabalho com bordado é a partir do futebol. Me faz pensar em coisas que nunca pensei, como quantos quilômetros percorro quando estou no jogo, qual a velocidade máxima que eu alcanço. Percebo que essas informações e vivências estão acrescentando de forma positiva minha vida de esportista. (J., 16 anos)

No meu trabalho, registro meu humor logo após acordar. É curioso o humor de cada um ao acordar. Tem pessoas que ficam extremamente estressadas, outras que nem tanto, e tem até os que ficam felizes! (C., 17 anos)

É preciso afetar o educando; é preciso afetar o professor. Nossa prática não é construída sozinha; nossas vidas são moldadas a partir dos encontros, dos afetos. Spinoza, no século XVII, rejeitou a ideia de razão para nos fazer pensar sobre nosso corpo como um complexo de corpos que sofre afecções, que aumenta ou diminui nossa potência de agir e de pensar.

Agimos quando, em nós ou fora de nós, sucede algo de que somos a causa adequada, isto é, quando de nossa natureza se segue, em nós ou fora de nós, algo que pode ser compreendido clara e distintamente por ela só. Digo, ao contrário, que padecemos quando, em nós, sucede algo, ou quando de nossa natureza se segue algo de que não somos causa senão parcial. (SPINOZA, 2013, p. 163)

A tessitura da trama, o compartilhamento em rede, as novas tecnologias, aproximaram-nos, de certo modo, dessa linguagem e modo de pensar. Interessante e fascinante como a trama e a rede digital e manual possuem a mesma lógica: a partilha e colaboração. Atualmente, artistas, *designers* e programadores, educadores, e filósofos estão debruçados nessa investigação e experiência da trama. Há, nessa investigação, a compreensão dessa trama como algo que produz sentido, e, na experiência de fazer bordado e rede, seja digital ou manual, uma passividade, própria do sujeito da experiência. “Uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial” (LARROSA, 2014, p.19).

Tecer redes é conectar, unir. Unir palavras, papéis, sentimentos, pontos, pessoas, tecer pessoas. Criar redes é revolucionar um mundo “preto e branco”, aprender valores, socializar, compreender redes que se interligam. (A. e R., 17 anos)

Redes são sistemas que se conectam de algum modo, seja abstrato ou concreto. Rede é trama e urdidura que formam um tecido. (P. A., 17 anos)

A experiência me afeta psicologicamente. Às vezes, consigo organizar minhas opiniões apenas organizando as lãs e agulhas para começar a bordar. Crio, assim, minhas próprias argumentações e opiniões sobre o mundo, como, por exemplo, no trabalho sobre as cartas de amor ridículas. A aula de artes é uma abertura para expressar os sentimentos; hoje acho cartas de amor lindas e românticas, mesmo pesquisando o uso do *Whatsapp*[®] para me comunicar com meu namorado. A rapidez nas respostas e ansiedade dessa rapidez transforma algo que seria facilitador num fardo. A

obrigação de responder a todos assim que recebido te torna aprisionado nesta situação, e, quando não respondido, você se torna arrogante. (R., 17 anos)

São necessários novos modos de se perceber a linguagem; é urgente uma cartografia das relações, uma arte que promova sentido e coloque-nos em conexão, em uma estética da conectividade, como o nó, que é definido por suas conexões e entrecruzamentos. Dar voz aos educandos, construir uma arte-educação socialmente responsável, permeada pelo outro, focada na interação e no relacionamento com o outro. Uma estética conectiva que dissolva a divisão entre “o self e o mundo. *A interação torna-se o meio de expressão, uma maneira empática de ver, por meio dos olhos do outro*” (GABLIK, 2005, p. 606), a arte se realiza por meio do diálogo, que inicia se com o diálogo de si, que vai para o mundo, e encontra com o outro. Uma rede coletiva tecida por mãos de homens e mulheres livres, que lutam por seu projeto, que desejam lançar-se na experiência da sua própria vida. “É querer que haja ser na alegria da existência. Para que a ideia de libertação tenha um sentido concreto, é preciso que a alegria de existir seja firmada em cada um, a cada instante; é espessando-se como prazer, como felicidade, que o movimento rumo à liberdade assume, no mundo, sua figura carnal e real” (BEAUVOIR, 2005, p. 110).

É uma aula onde posso dar boas gargalhadas. Para mim, a aula de Artes está mais para uma confraternização entre pessoas que eu gosto, uma das poucas oportunidades de haver compartilhamento de ideias diferentes sobre tudo com respeito. Me sinto livre para expressar tudo aquilo que desejo. (M. E., 17 anos)

Os depoimentos tecem a trama, cruzam a urdidura que construí para ser a estrutura desse texto. As palavras são como potentes pontos bordados na trama do texto-tecido e do tecido-texto. O bordado se configura na experiência das brechas e dos riscos, a agulha vai penetrando a trama, nos espaços entre; é uma atividade que, apesar de individual, partilha de um tempo e de um lugar coletivo. Nessa coletividade, os estudantes vão se apropriando da linguagem e de si, compartilham suas histórias e narram suas vidas e bordam seus panos, ou fotografias, ou espaços, em um ato recíproco de bordar-se e narrar-se. Histórias vão surgindo, poéticas materializam-se em pontos e narrativas, e, nesse momento, a experiência vai atravessando a turma; cada um no seu modo e seu tempo e sentidos vão sendo intercambiados, e vivências, elaboradas. Novos contos se aproximam do grupo,

poesias, novos artistas, uma questão pessoal ou da escola, e mais histórias vão passando de boca em boca, de mão em mão, de ponto em ponto. Na experiência do narrar-se, temos a experiência da escuta, e, na experiência da escuta, temos a experiência do outro, do ouvinte. Narrar-se e bordar-se, experiências que preservam histórias, a arte de contar de novo e de produzir sentido a partir da repetição e do ritmo. Benjamin (2012), no célebre texto O Narrador, sobre a preservação de histórias, nos mostra que:

Ela se perde, pois ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede que está guardada o dom narrativo. (p. 221)

A bordadura, com sua insignificância e soberania que consiste em *ser e nada ser*, vai sendo convertida em conversação, em resistência, promovendo singularidades e diferenças de muitas vozes nessa tessitura de redes tecidas coletivamente por homens livres e ensimesmados, rumo à realização de uma existência como absoluto, como única e finita experiência.

Assim, o dom narrativo vai sendo tecido em nossos encontros; porém, diante do desafio apresentado no início do texto, ainda questiono novos modos de promover ou intercambiar experiência diariamente em um sistema educacional que prefere a *coisa ao homem*, o conteúdo ao sujeito, a razão pela intuição, a fórmula pela experiência. Atenta e forte por não pedagogizar, tampouco conceitualizar e formular propostas em arte-educação, sigo meu caminho, construindo a cada passo.

Recorro ao poeta Carlos Drummond de Andrade (2012), na belíssima poesia *O Elefante*, para concluir esse artigo. Nessa narrativa, após construir seu animal com poucos recursos – velhas madeiras, um pouco de paina, e doçura –, sai ao mundo o eu-poético, com seu ventre balofo, à procura de experiências:

[...] faminto de seres
e situações patéticas,
de encontros ao luar
no mais profundo oceano,
sob a raiz das árvores
ou no seio das conchas,

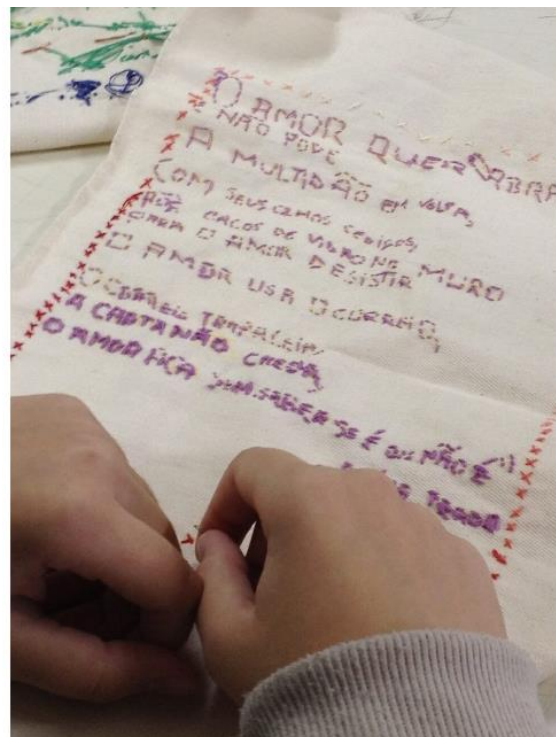
de luzes que não cegam
e brilham através
dos troncos mais espessos.
Esse passo que vai
sem esmagar as plantas
no campo de batalha,
à procura de sítios,
segredos, episódios
não contados em livro,
de que apenas o vento,
as folhas, a formiga
reconhecem o talhe,
mas que os homens ignoram,
pois só ousam mostrar-se
sob a paz das cortinas
à pálpebra cerrada.

Já tarde da noite, depois de muito andar, ser alvo de piada, de descaso, de não ser visto por um mundo que duvida das coisas, dos bichos, retorna para casa; exausto de pesquisa, de procura; ele não encontrou do que carecia: “não encontramos de que carecemos, eu e meu elefante em que amo disfarça-me... qual mito desmontado o elefante cai sobre o tapete. Amanhã recomeça”.

Vou para outro lugar bordando, diferente do que estou agora. Traz pensamentos e lembranças que muitas vezes eu não gostaria que de lembrar. Ao mesmo tempo que isso é ruim, é bom, pois me faz pensar no que sou, no que eu me tornei. Nessas aulas, consigo me sentir e me ver. (M., 17 anos)

Meu trabalho é sobre o Botafogo, porque ele resiste no tempo. Ouvi relatos de vários botafoguenses; eles me falaram sobre o porquê ser botafoguense, um time que não ganha nada e só traz vexame e vergonha para seus amantes; se relaciona comigo, pois sou botafoguense, me fala de algo que eu sinto amor. Geralmente os trabalhos que fazemos na escola são mais objetivos, excluindo qualquer traço de subjetividade que possamos apresentar, mas esse trabalho depende totalmente de quem faz, ou seja, o subjetivo é mais forte que o objetivo. (V., 17 anos)

Vamos aqui entrelaçar fios, ligando uns aos outros... (B., 17 anos)



Alunos bordando cartografias de amor, 2015: “Todas as cartas de amor são ridículas”.



Intervenção poética nas árvores ao redor do CAP/UFRJ, com faixas de tecido bordada



Redes de elástico: estudo a partir da obra homônima de Lygia Clark, 2015





Instalação realizada no espaço escolar, a partir de tessituras realizadas com crochê de dedo, 2014.

Notas

¹ GUIMARÃES, Mariana. I Encontro Regional do Rio de Janeiro sobre Formação de Professores para o Ensino da Arte, UFRJ, 2010. Esses relatos e planos de curso estão catalogados e disponíveis no acervo do PROEDES, da Faculdade de Educação da UFRJ.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BEAUVOIR, Simone. *Por uma moral da ambiguidade*. Tradução de Marcelo Jaques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (*Obras escolhidas*, v. 1)

FORTY, Adrian. *Objetos do desejo: design e sociedade desde 1750*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GABLIK, Susi. Estética conectiva: a arte depois do individualismo. In: GUINSBURG, J.; BARBOSA, Ana Mãe (Orgs.). *O pós-modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (*Coleção Educação: experiência e sentido*)

MALERONKA, Wanda. *Fazer roupa virou moda: um figurino de ocupação da mulher (São Paulo 1920-1950)*. São Paulo: Senac, 2007.

FAJARDO, Elias; Calage, Eloi; JOPPERT, Gilda. *Fios e Fibras – oficinas de artesanato*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2002

SENNETT, Richard. *O artífice*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SOFFER, O; ADOVASIO, J. M.; PAGE, J. *O sexo invisível*. Tradução de Hermano de Freitas. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GUIMARÃES, Mariana de Souza. *O design dos objetos artesanais produzidos no cotidiano de mulheres idosas*. Dissertação (Mestrado em Artes e Design) – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. 2010.

_____. *Diálogo com os tempos de outrora: a disciplina de Artes Visuais e os trabalhos manuais*. In: Anais do I Encontro sobre Formação de Professores para o Ensino da Arte: o estado da arte da formação do professor de arte. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

Mariana Guimarães

Artista-educadora, mestre em artes e *design* pela PUC-Rio, e licenciada em Artes Plásticas pela Escola de Belas Artes da UFRJ. É docente de Artes Visuais do CAp/UFRJ, onde atua na Educação Básica e na formação de professores de Artes Visuais. Desenvolve vários projetos e pesquisas formais e conceituais sobre o uso da bordadura e seus inúmeros desdobramentos estéticos, artísticos, éticos, sociais, antropológicos, políticos, digitais e manuais. Idealizadora do projeto *Retalhos de Memória*, desenvolvido em 2 edições, tendo sido premiado, em 2007, pelo Ministério da Cultura. Foi premiada no XV Prêmio Arte na Escola 2014, com o projeto *Bordadura nas Artes Visuais*, desenvolvido com alunos da Educação Básica do CAp/UFRJ (www.marianaguimaraes.art.br).